

A LEITURA DE HEIDEGGER ACERCA DO NIILISMO E DA SENTENÇA DE NIETZSCHE "DEUS ESTÁ MORTO"

*Um povo que ainda acredita
em si mesmo ainda possui o
seu próprio Deus
(Nietzsche).*

Ronnielle de Azevedo Lopes
Me. Douglas Aparecido Bueno***

RESUMO

O presente estudo tem como escopo refletir acerca da metafísica, apoiando-se na reflexão que Heidegger empreende acerca do niilismo e da sentença de Nietzsche "Deus está morto". "Deus está morto" significa desvalorização de todos os valores supremos. É o niilismo; a metafísica mesma: o esquecimento do ser. Para Heidegger, Nietzsche é o pensador que concebe a "morte de Deus" como a lógica interna da metafísica. Todavia, ainda se processa dentro da própria metafísica. O pensamento de Nietzsche, não obstante aos seus esforços, é um platonismo invertido.

ABSTRACT

The present study is scoped to reflect upon the end of metaphysics, relying on reflection that Heidegger undertakes about the nihilism of Nietzsche and the sentence "God is dead". "God is dead" means the devaluation of all supreme values. It's nihilism; the metaphysics itself: the forgetting of being. For Heidegger, Nietzsche is the thinker who conceives the "death of God" as the internal logic of metaphysics. Nevertheless, it remains within the metaphysic processes. The thought of Nietzsche, despite his efforts, is an inverted Platonism. Thus, metaphysics from

* Ronnielle de Azevedo Lopes é graduado em Filosofia pela PUC-GO, Especialista em Educação Ambiental pela UFPA e Mestrando em Filosofia PUC-SP.

** Douglas Aparecido Bueno é graduado em Filosofia e em Direito pela PUC-Campinas, mestre em Direito pela Universidade Metodista e doutorando em Filosofia e em Direito pela PUC-SP.

Desse modo, a metafísica de Platão a Nietzsche é marcada pelo o esquecimento do ser.

Plato to Nietzsche is marked by forgetfulness of being.

Palavras-chave: *Niilismo. Morte de Deus. Nietzsche. Heidegger. Superação da metafísica.*

Keywords: *Nihilism. Death of God. Nietzsche. Heidegger. Overcoming of metaphysics.*

INTRODUÇÃO

A metafísica se caracteriza, ao longo do eixo paradigmático ocidental, como a história do ser enquanto seu ocultamento. Conforme Martin Heidegger (1889-1976), já em *Ser e Tempo (Sein und Zeit)* em 1927, a metafísica é experimentada como história do desenvolvimento do ente que lega o ser ao esquecimento. Porquanto, a metafísica ao se ocupar com o ente enquanto ente esquece a questão do ser. “*Embora nosso tempo se arroge o progresso de afirmar novamente a ‘metafísica’, a questão aqui evocada (do sentido do ser) caiu no esquecimento*” (HEIDEGGER, 2001, p. 27). Todavia, aqui emerge uma indagação: a que destino conduz e é conduzida a metafísica para Heidegger?

Na década de 1930, os estudos sobre Nietzsche revelam a Heidegger o esgotamento pleno da metafísica como esquecimento do ser que se dá, ou seja, que se projeta em sentido como acontecimento-apropriador.¹ Segue-se que a reflexão acerca de Nietzsche instiga Heidegger a necessidade do passo de volta às raízes da própria metafísica, para assim compreender os seus efeitos na época hodierna: “*Em Nietzsche se revela a necessidade da volta, porque nele a metafísica como supremo esquecimento recai sobre si mesma, como niilismo perfeito*” (STEIN, 2002, p. 111).

O esquecimento do ser é a experiência, no ocidente metafísico, da soberania do ente. O esquecimento em seu âmbito profundo conduz a história ao vazio, conduz ao nada. O nada (*nihil*) é, como a entidade do ente, o modo de ser do ocidente em toda a sua trajetória historial em relação ao ser. Desde os primórdios da metafísica, o nada é a maior expressão do esvaziamento

¹ O ser para Heidegger é o esquecido da História da Filosofia como metafísica. O ser é o acontecimento-apropriador (*Ereignis*). O ser é a *diferença ontológica* entre ente e ser do ente (ente enquanto ente).

do ser. Dos pensamentos de Platão e Aristóteles, até os dias de hoje com a força devastadora da era atômica, o nada é a degeneração mais aguda, mais doentia do esquecimento do ser que faz do ser do ente e do ente do ser o que são. “Nada” é jeito de pensar metafísico, é a consumação do vazio existencial na contemporaneidade.

O nada, aqui mencionado, é o sem sentido total. É o niilismo, denunciado por Friedrich Nietzsche (1844-1900). O niilismo é a expressão mais devastadora da metafísica enquanto esquecimento do sentido do ser. O niilismo é a perda de tudo o que era tido antes como sólido. De modo ôntico, o niilismo é a força espiritual que age na humanidade e que proporciona os maiores fracassos ocorridos e que ainda ocorrerá. O niilismo, tal como em Nietzsche, é desmascarado com o que este pensador apontou como a “*morte de Deus*”. A *morte de Deus*, para Nietzsche (conforme Heidegger), por sua vez, é a consequência última do niilismo. É a constatação, realizada por Nietzsche, que os valores, por mais supremos que sejam, *desvalorizam*.

1 O NIILISMO E O ANÚNCIO NIETZSCHIANO DA MORTE DEUS

*Quase dois milênios e nem um
único novo deus
(Nietzsche).*

O niilismo é a tendência interna e metafísica do ocidente em virtude do evento historial do esquecimento. Na reflexão de Heidegger sobre Nietzsche, niilismo é a decadência máxima da história. Para quem é capaz de simplesmente ver e avaliar as implicações da *décadence*, usando o termo tal qual em Nietzsche, na existência, constatará que o niilismo pouco tem a ver, determinantemente, com o pessimismo ou otimismo cultural das civilizações. Desse modo, a decadência provocada pelo niilismo se agravou e se agravará ainda mais no decorrer do ocidente enquanto história da metafísica.

O niilismo se relaciona com o destino do ser: seu dá-se, vela-se e o seu escamoteamento. Nesse âmbito, o niilismo perdurará enquanto a metafísica não se transformar totalmente, em vista de uma nova possibilidade. “*Niilismo é história. No sentido nietzschiano, ele constitui a essência da história ocidental porque co-determina o aparato normativo das posições metafísicas fundamentais e de suas determinações*” (HEIDEGGER, 2007,

p. 67). Depreende-se que, com o niilismo, a metafísica é completada e conduzida ao seu término.

O niilismo é a história da metafísica: sua implantação; sua degeneração; sua decadência; e a sua substituição. O niilismo é o curso da metafísica: a constituição decadente como esquecimento do ser. Do vigor de seu início grego só resta-lhe: “*a última fumaça de uma realidade evaporante*” (NIETZSCHE, apud HEIDEGGER, 1969a, p. 63). Nesse sentido, de acordo com Heidegger, o niilismo é não mais um simples movimento historial no ocidente. Todavia, é o movimento que move a história e o destino do próprio ocidente.

O niilismo é um movimento historial, não qualquer opinião ou doutrina representada por quem quer que seja. O niilismo move a história segundo o modo de um processo fundamental, quase não reconhecido, que se dá no destino dos povos ocidentais. Por isso o niilismo não é também somente uma manifestação historial entre outras, não é somente uma corrente espiritual que ao lado de outras, ao lado do cristianismo, do humanismo e do iluminismo, ocorre igualmente dentro da história ocidental. O niilismo é, pensado em sua essência, muito mais o movimento fundamental da história do ocidente. Ele mostra algo que cala tão fundo, que seu desdobramento só pode ainda ter como consequências catástrofes mundiais. O niilismo é o movimento historial-mundial dos povos da terra que entraram no âmbito de poder da modernidade (HEIDEGGER, 2000, p. 6).

Desse modo, o niilismo não é somente uma aparição da época atual, nem tão pouco produto de uma nação particular; entretanto, a própria dinâmica historial intrínseca ao ocidente. Segue-se que o niilismo, como movimento historial-mundial do ocidente, aponta algo tão profundo, que as suas manifestações podem desdobrar-se na *bestialização* máxima da humanidade: guerras, terror, a instrumentalização da razão; totalitarismo, o *biopoder*, esvaziamento de sentido. O niilismo é o estabelecimento da ditadura do nada na história.

Falar do Nada é ilógico... Ademais quem leva o Nada a sério, coloca-se a favor do negativo. Favorece o espírito de negação e sevê apenas de aniquilamento. Falar do Nada não só é inteiramente contrario ao pensamento, como solapa também toda cultura e qualquer fé. Ora, desprezar o pensamento, em sua lei fundamental, como destruir a vontade construtiva e a fé, é puro niilismo... a questão sobre o Nada

se configura de acordo com a extensão, profundidade e originalidade correspondentes, com que se investiga a questão sobre o ente, e vice-versa. O Modo de se investigar o Nada pode valer como termômetro e indício do modo de se investigar o ente (HEIDEGGER, 1969a, p. 52).

Nihilismo se diz, perfeitamente, àquilo que acena a fala desesperadora do *Homem Frenético* de Nietzsche no aforismo 125 da *Gaia e a Ciência*: “*Deus está morto*”. Conforme a leitura de Heidegger, a expressão, “*Deus está morto*”, acentuada por Nietzsche não se vincula com o mero palavrório daqueles que “*não acreditam em Deus*”. Pois, para os homens que em tal modo são incrédulos o nihilismo ainda não afluíu como destino de sua própria história. Portanto, o ateísmo não é nihilismo; contudo, por este se encontrar na dinâmica interna do ocidente metafísico, é uma consequência da decadência provocada pelo nihilismo. Desse modo, a fala do *Homem Louco* de Nietzsche, é, sobretudo, um grito estridente que ecoa na história como o fim da metafísica.

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse outro. Está se escondendo? Embarcou em um navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com um olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos assassinos! (...) Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? (NIETZSCHE, 2009, p.147).

A “*morte de Deus*” é a consequência plena do nihilismo. Porquanto, no nihilismo tudo deixa de corresponder ao ser em função de um ente em geral ou supremo. Tudo entra na dinâmica do sem sentido. Nesse âmbito, depreende-se em Nietzsche, de acordo com Heidegger, que o nihilismo é a ausência de valores. É a ausência dos valores supremos. É a *morte de Deus*: a morte dos valores supremos: “‘*Sentido*’ significa o mesmo que valor, pois Nietzsche também diz ‘ausência de valor’ no lugar de ‘ausência de sentido’(...) O próprio valor supremo torna-se, com isso, vacilante, perde o seu

caráter valorativo indubitável e ‘desvaloriza-se’” (HEIDEGGER, 2007, p. 46). Segue-se que, como veremos adiante, a “*morte de Deus*” é o desvelamento da efemeridade dos valores suprassensíveis.

No niilismo, o lugar que outrora era regulamentado e ocupado pelo cristianismo e por seu Deus metafísico, agora, é transferido para as coisas enquanto outras coisas, entes enquanto entes (o dever, a cultura, a felicidade, o progresso... a técnica).² Nesse âmbito, as doutrinas que regem a nossa época não são mais as do cristianismo-metafísico, são outras! Entretanto, o niilismo não impera apenas onde a fé é repudiada. Nesse sentido, é preciso transcender a incredulidade que vira as costas para o cristianismo e sua maneira de se expressar para que o niilismo não fique retido na superficialidade da não crença. Não obstante, qual a essência do significado da sentença *morte de Deus* em Nietzsche, conforme a compreensão de Heidegger? Como Nietzsche entende o Deus do cristianismo?

2. O DEUS DO CRISTIANISMO EM NIETZSCHE E A DESVALORIZAÇÃO DE TODOS OS VALORES

*O conceito cristão de deus
– Deus degenerado em
contradição à vida, em vez de
ser sua transfiguração e seu
eterno sim
(Nietzsche).*

Na leitura de Heidegger, Nietzsche não entende por cristianismo o viver originário cristão que subsistiu até antes da redação dos evangelhos. O cristianismo é, para Nietzsche, de acordo com o enfoque de Heidegger sobre este pensador, o aparecimento historial, mundano – político da Igreja e de sua pretensão ao poder, tal qual iniciada pelo apóstolo Paulo. Assim sendo, o niilismo não é uma confrontação com a fé vivida na dinâmica

² O niilismo como inversão é o que Nietzsche chamou de niilismo incompleto ou imperfeito; é diferente do niilismo consumado, isto é, do niilismo completo. Este último é o niilismo em sua realização plena.

neotestamentária.³ Não obstante, o niilismo tem também como consequência o esgotamento da doutrinação moral do cristianismo enquanto autoridade no mundo.

De acordo com Nietzsche, ao longo da história metafísico-cristã, não é divino o que foi chamado por divino, não é sagrado o que fora apresentado como sagrado. Para Nietzsche, o Deus do cristianismo paulino⁴ é uma anulação de tudo o que pertence a vida como vontade de poder. O Deus do cristianismo é uma anulação até mesmo da própria ideia de deus. O Deus de Paulo é uma negação de Deus: “*Não consideramos ‘divino’ o que foi venerado como divino... deus, qualem Paulus creavit, dei negativo*” (NIETZSCHE, 2008a, p. 88. Af. 47).

Para Nietzsche, os deuses são vontade de poder do homem ou sua impotência de poder. Diferente de outras criações de deuses, o Deus cristão é castrado em si mesmo por sua bondade. Nesse âmbito, o Deus de Paulo é niilista. Deus carece de uma oposição decadente para impor-se como Deus ao homem. Neste sentido, a ficção dualista de uma divindade boa, Deus, e outra má, o Demônio, torna-se possível. Segue-se que, o Deus cristão, no entanto, ao longo da história do cristianismo, se transformou em motor imóvel, causa sem causa, ideal de pureza, absoluto, espírito puro, *coisa em si* [...] nada. Na interpretação nietzschiana, a noção cristã de Deus é uma degeneração em contradição ao mundo. Desse modo, conforme Nietzsche, o conceito cristão de Deus é o mais corrupto dos conceitos. É o Deus dos fracos a qual hostiliza a vida, o corpo e a natureza. Esse Deus é o próprio niilismo divinizado e sacralizado em forma de moral religiosa. É o nada

³ Aqui talvez se faz necessário distinguir cristianismo e *crístidade* (ou *crístandade*). Um viver não cristão, nesse âmbito, pode-se afirmar o cristianismo e usá-lo como um fator de poder, como também o contrário, um viver cristão não precisa necessariamente do cristianismo. *Crístidade* é a fé experimentada de maneira originária; segundo Heidegger, Nietzsche não está criticando tal vivência. Niilismo não é uma crítica dessa fé cuja interpretação e exposição deveria ser efetuada pela teologia; e nem tão pouco o niilismo é uma crítica à teologia; apesar do cristianismo, no âmbito metafísico se desdobrar como teologia. O niilismo não é, portanto, de maneira alguma um combate específico com o Deus bíblico; não longe, não deixa de ser um anúncio do fracasso do Deus conceitual da tradição metafísico-judaico-cristã do ocidente.

⁴ Para Nietzsche, o cristianismo não foi fundado por Cristo, todavia pelos seus seguidores. Sobretudo por Paulo, judeu letrado que conhecia o platonismo; escritor de boa parte do Novo Testamento.

divino contra a vida. É a mentira do além, frente o mundo do aquém. Nas palavras do próprio Nietzsche no aforismo 18 do *Anticristo*:

O conceito cristão de deus – Deus na condição de deus dos doentes – é um dos mais corruptos conceitos de deus que foram alcançados sobre a Terra. Deus degenerado em contradição a vida, em vez de ser sua transfiguração e seu eterno sim. O nada divinizado em Deus, a vontade de nada santificada (NIETZSCHE, 2008a, p. 18).

O cristianismo é a defesa do Deus conceitual da metafísica. Segundo Nietzsche, o cristianismo é o culto ao sofrimento, a profanação da vida em nome de um além. Nesse âmbito, o cristianismo é a materialização da metafísica e dos seus atributos no ocidente. Segue-se que em Nietzsche, o cristianismo é um platonismo para as massas.

O mais perigoso de todos os erros cometidos até agora tenha sido um erro dogmático, a saber, a invenção platônica do espírito puro e do bem em si... Mas a luta contra Platão, ou, para dizê-lo de modo mais compreensível e para o “povo”, a luta contra a opressão cristã-eclésiástica de milênios – pois o cristianismo é platonismo para o “povo” (NIETZSCHE, 2008b, p. 19).

Assim, Nietzsche, repudiando os valores metafísicos cristãos, no ápice de seu pensamento, em *Assim Falava Zaratustra*, anuncia o super-homem, que vem a ser a tentativa da superação da construção metafísica de homem. Com tal anúncio, Nietzsche corporifica a sua grande busca: expor e vivenciar o sentido da vida, a valoração do mundo. Intuito possível mediante a *morte de Deus*.

A *morte de Deus*, para Nietzsche, significa que o Deus do cristianismo e os conceitos absolutos e dogmáticos da filosofia perderam a sua consistência. Deus e os dogmas morais da tradição filosófica perderam a sua possibilidade de ação e influência. Segue-se que a *morte de Deus* aponta para a falta de sentido no mundo do além-Terra. A denúncia da *morte de Deus* por meio do anúncio do *super-homem*, desmascara o desvalor à Terra e ao sensível ao longo da história do cristianismo; descortina o niilismo.

Conforme Nietzsche, na tradição ocidental (a tradição de Deus), a vida foi desdenhada e envenenada em prol da elevação do mundo celestial de Deus. A esperança no além (Deus) ridicularizou o mundo, que, no atual estado da arte, se volta a si mesmo negando Deus e as suas representações

na cultura ocidental. As coisas mudaram agora, sacrilégio não é mais as afrontas cometidas em relação ao mundo celestial, não obstante, a negação do mundo e da vida. Nas palavras de Nietzsche, por meio de seu Zaratustra:

Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra! Eu vos imploro, irmãos, *permaneça fiéis à terra* e não acrediteis nos que falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então! Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores. Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra! (NIETZSCHE, 2011, p. 14).

“*Deus está morto*” implica em dizer que a metafísica como afirmação dos entes perdeu a sua fundamentação. A *morte de Deus* significa que o ente em geral perdeu a sua consistência. Porquanto, Deus sintetizara no ocidente o máximo dos valores (valor, enquanto, vontade de conservação). Dizer que *Deus morreu*, nesse âmbito, é dizer que os valores que antes valorávamos morreram, esvaziaram. Que os valores elevados na tradição metafísica, desvalorizam. Trata-se do desmoronamento da essência do mundo suprasensível, da decadência da metafísica. Nihilismo é a metafísica mesma; no entanto, a metafísica em decomposição. De acordo com Heidegger,

Nietzsche emprega a palavra “nihilismo”... na sentença resumida: “Deus está morto”. Essa sentença que dizer: “o Deus cristão” perdeu o seu poder sobre o ente e sobre a definição do homem. O “Deus cristão” é ao mesmo tempo a representação diretriz para o “suprasensível” em geral e para as suas diversas interpretações, para os ideais e para as normas, para os “princípios” e as “regras”, para as “finalidades” e os “valores” que são erigidos “sobre” o ente a fim de “dar” ao ente na totalidade uma meta, uma ordem e – como se diz de maneira sucinta – um “sentido”. Nihilismo é aquele processo por meio do qual o domínio do “suprasensível” se torna nulo e caduco, de tal modo que o ente mesmo perde o seu valor e o seu sentido (HEIDEGGER, 2007, p. 22).

3. DA MORTE DE DEUS À SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA: ACENOS

*É preciso ter o caos dentro de
si, para poder dar à luz uma
estrela dançante
(Nietzsche).*

Na reflexão de Heidegger sobre Nietzsche, ergue-se uma indagação: se Nietzsche constatou que Deus estava morto foi por que buscou Deus e encontrou o vazio de seu trono? Para Heidegger, Nietzsche procurou Deus. Nietzsche é o pensador que expõe as últimas possibilidades da metafísica. É aquele que encaminha a metafísica a seu término. Entretanto, de acordo com Heidegger, Nietzsche ainda é um pensador metafísico. Nietzsche encontra-se ligado a um ente, a vida como vontade de potência no eterno retorno mesmo. Nesse âmbito, conforme Heidegger, Nietzsche procura Deus apaixonadamente:

E se a nossa existência mais profunda realmente está diante de uma grande decisão, se é verdade o que diz Friedrich Nietzsche, o último filósofo alemão que apaixonadamente procurou Deus: ‘Deus está morto’, se nós temos que levar a sério este abandono do homem atual em meio aos entes (HEIDEGGER, apud, STEIN, 2002, p. 112).

A coerência de Nietzsche ao buscar Deus, o leva a encontrar outro deus, Dioniso, o deus do eterno retorno, o deus niilista: o deus do prazer da vida, da vida como subjetividade máxima. Assim sendo, Nietzsche com o seu anúncio acerca da *morte de Deus*, inverte os valores supremos do suprassensível ao sensível, do extramundano ao mundo, do além para o aquém, da alma para o corpo. Nietzsche inverte os valores metafísicos que alicerçaram o ocidente desde Platão. Não obstante, a inversão nietzschiana ainda se dinamiza dentro da própria metafísica: “*Mas essa inversão ainda se movimenta na própria metafísica e como tal não problematiza a metafísica como um todo. É um niilismo em que este não tem consciência de suas próprias raízes*” (STEIN, 2002, p. 112).

Heidegger compreende que a metafísica de Nietzsche assemelha-se a de Platão. Ou seja, o fato de Nietzsche ser um Platão invertido não os diferencia metafisicamente: “*Uma metafísica não se torna menos metafísica*

pele fato de ser invertida” (GILES, 1975, p. 261). Nietzsche ainda está encarcerado ao subjetivismo metafísico. Dessa forma, tanto em Platão, como bem vislumbrou Nietzsche, quanto no próprio Nietzsche à metafísica é o resultado da visão ideal do homem que conduz o homem, o mundo e o ser ao nada, ao sem valor, ao sem sentido. Diante da *morte de Deus*, o homem torna-se o centro – fundamento das coisas e esquece aquele que seria o fundamento, a saber, o ser. Nesse âmbito, o homem como chão – fundamento de todas as coisas na história da metafísica, esquece o seu chão-fundamento, esquece o ser.

A tentativa do homem em tornar-se o fundamento incondicional e centro de tudo deixa o próprio homem sem fundamento e sem centro. Aquilo que podia e devia proporcionar o fundamento de toda a existência humana, o Ser como tal, caiu no esquecimento, e em vez de pensar no Ser, a metafísica niilista-humanista só pensa no mundo conforme a imagem e fins do homem (GILES, 1975, p. 261).

De acordo com Heidegger, a metafísica não é propriedade de um pensador, mas ela se realiza como destino de uma época por meio de um pensador. Daí se diz a metafísica de Platão, a metafísica de Aristóteles, a metafísica de Descartes, a metafísica de Kant. Ora, Heidegger compreende que Nietzsche completa uma época metafísica. Em Nietzsche se realiza um envio histórico dentro da própria metafísica. Note-se que o pensamento de Nietzsche diz respeito ao ente enquanto ente, o ser do ente como nome de vontade de potência, eterno retorno do mesmo, niilismo, além-homem e justiça. Estes termos, em Nietzsche, se conjugam na unidade de uma metafísica:

A *vontade de poder* é a palavra para o ser do ente enquanto tal, a *essentia* do ente. *Niilismo* é o nome para a história da verdade do ente assim determinada. *Eterno retorno do mesmo* designa o modo como o ente é em sua totalidade, a *existentia* do ente. O *super-homem* designa e caracteriza a humanidade exigida por essa totalidade. *Justiça* é a essência da verdade do ente enquanto vontade de poder (...) Dentro dessa unidade é que se poderá vislumbrar como se determina uma época pelo pensamento de Nietzsche ou como Nietzsche se coloca como supremo produto da metafísica ao modo do desvelamento do ente (STEIN, 2002, p. 114).

Nietzsche pensa o niilismo em sua completude. Contudo, está encarcerado a este. E nesse sentido, não consegue captar a sua essência. O niilismo, como

a *morte de Deus*, esconde a sua própria essência: a essência da metafísica. Segue-se que a reflexão de Heidegger sobre a sentença de Nietzsche “*Deus está morto*” é um convite para o adentramento na essência da metafísica em busca de sua superação. *Superar a metafísica* não implica em aniquilá-la; no entanto, revelar a sua essência por meio do seu adentramento. E, desse modo, mostrar que ao longo de sua história a metafísica sempre ficou retida ao ente. E sempre foi um caminho representativo, subjetivista, antropocêntrico e niilista para o ser. E nessa trajetória, escamoteou o ser e esgotou sua própria essência (GILES, 1975, p. 258). Superar a metafísica é, no pensamento de Heidegger, realizar o *passo de volta*: a *recuperação* da essência da metafísica como esquecimento.

Mas, se isto fazemos, não devemos, contudo, desprezar a discussão da essência do niilismo, já por isto não, porque o niilismo procura desfigurar sua própria essência e, assim, subtrair-se ao debate que a tudo decide [...] Entretanto, a admissão daquele pensamento tropeçará com menos resistência, se atentarmos para o fato de que, em consequência dele, a essência do niilismo não é nada de niilístico, e que nada será tirado da clássica dignidade da metafísica, pelo fato de abrigar, em sua própria essência, o niilismo. A zona da linha crítica, isto é, o lugar da essência do niilismo perfeito deve, por conseguinte, ser procurada ali, onde a essência da metafísica desenvolve suas possibilidades extremas e nelas se concentra (HEIDEGGER, 1969b, p. 39).

O voltar ao ser é um convite do próprio ser. Porquanto, o ser mesmo é o que sempre volta (se doa e se retrai) ao homem na correspondência originária. E mais, nem mesmo podemos dizer “ser” e “homem” como co-pertença, porquanto até mesmo assim os separamos. Portanto, segue-se que, tudo passa pelo dizer do ser, o *lógos*, pela linguagem que a metafísica não pôde captar.

CONCLUSÃO

De acordo com a leitura de Heidegger acerca da sentença de Nietzsche “*Deus está morto*”, o niilismo é a ausência extrema de conteúdo e de verdade acerca do ser. No desdobramento metafísico na contemporaneidade, é o desencobrimento da técnica. O niilismo é a esvaziamento de todos os valores antes tidos como sólido. Assim sendo, conforme Heidegger, em

nossa época, o niilismo como decadência espiritual do mundo já foi longe de mais, a tal ponto que os povos se vêm ameaçados de perder a última força do espírito de saber e aglutinação na busca do ser. Nesse sentido, o niilismo é a própria história do ocidente.

Não obstante, é preciso deixar claro que o niilismo não domina somente onde o Deus cristão é negado, onde o cristianismo é combatido ou onde, ainda, somente um ateísmo ordinário é, ao modo do livre pensamento, apregoadado. O dito de Nietzsche na boca de *Zarathustra* e do seu *Homem Frenético* sobre a *morte de Deusa* aponta essencialmente que os valores considerados supremos perdem a sua consistência.

Todavia, Nietzsche ainda está preso à metafísica, ainda está preso ao antropomorfismo do mundo. E a metafísica se confirmaria em sua última expressão em Nietzsche enquanto subjetivação de tudo, o desvirtuamento pleno do ser em ente, a partir, do homem, o valor em *desvalor*. Desse modo, faz-se necessário, para Heidegger, superar a metafísica. Contudo, tal implicação não quer dizer em exterminá-la, e sim adentrar à sua essência. A superação da metafísica, em Heidegger, é a recuperação da essência do esquecimento.

A recuperação da metafísica é a recuperação de sua memória originária. É a recuperação do esquecimento do ser. É o recuperar daquilo que a metafísica esquece em sua essência. Recuperar a sua verdade mais íntima perguntando acerca da tensão essência-existência, ser do ente e ente, onde se deu o esquecimento do ser. Porquanto, o esquecimento, no caminho da *morte de Deus* (o caminho da metafísica) não é mera omissão ou distração da metafísica. O esquecimento não é um mero deixar de lado. É da própria essência da metafísica e da dinâmica do ser mesmo o esquecimento. É o ocultamento do ser, característica da metafísica e tarefa do ser que se doa e se esquiva. Por fim, a recuperação tem como desígnio devolver à metafísica a verdade de sua essência reconquistada em vista de uma nova possibilidade, um novo pensar. Isto é, é preciso reconquistar as experiências originais do ser na metafísica para assim desvelar o ser em seu sentido.

BIBLIOGRAFIA

GILES, Tomas Ransom. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, Vol. I. São Paulo: EDUSP, 1975.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Vol. II. (Trad.) Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.

_____. *Nietzsche, Metafísica e Niilismo*. (Trad.) Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. *Introdução à Metafísica*. (Trad.) Emmanuel Carneiro Leão. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969a.

_____. *Sobre o Problema do Ser*. (Trad.) Ernildo Stein. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1969b.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra*. (Trad.) Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A Gaia Ciência*. (Trad.) Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O Anticristo*. (Trad.) Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008a.

_____. *Além do Bem e do Mal*. (Trad.) Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008b.